

## A ESPIRITUALIDADE DO DIÁCONO

Pe. José Lisboa Moreira de Oliveira, SDV\*

### Introdução

É impossível aos discípulos e às discípulas de Jesus viver sem espiritualidade. E isso porque, sendo a espiritualidade aquele “espírito” que, com a graça de Deus, anima a vida e as ações do cristão e da cristã, ela nos oferece o *élan* que dá vida às propostas da evangelização, ajudando a buscar a fidelidade ao Espírito de Deus, que nos leva a discernir os sinais dos tempos e a procurar o bem das pessoas e da comunidade<sup>1</sup>.

Isso vale também para o serviço do diácono, o qual, como nos lembra Puebla, deve ser sinal sacramental de Cristo Servo e expressão eficaz de uma Igreja servidora e pobre, chamada a exercer a sua missão em vista da libertação integral da pessoa humana (cf. P, 697). Para que o diaconado não perca esta perspectiva ele precisa estar revestido de uma espiritualidade adulta e dinâmica, cultivando cada dia “a descoberta e a partilha do amor de Cristo-Servo”<sup>2</sup>.

Se o diácono quiser colocar-se na Igreja e no Mundo como ícone de Cristo Servo, precisará de uma mística e de uma ascese que o transforme em mensageiro da diaconia do Senhor. Sem espiritualidade o diácono correrá o risco de “patinar” o tempo todo, acabando por tornar-se um mero coroinha de padre, deixando-se inclusive manipular, segundo os caprichos e as pretensões de determinadas pessoas. Na falta de uma verdadeira espiritualidade, a sua missão será vista exclusivamente por critérios meramente pragmáticos, apenas como solução para a falta de presbíteros (cf. P, 698). Terminará sendo apenas um “enfeite” para as nossas igrejas.

### 1. O que é espiritualidade

Antes, porém, de tentar definir qual o tipo de espiritualidade apropriada para o ministério e a vida do diácono, convém entender o seu significado verdadeiro. Podemos dizer que a espiritualidade, na sua essência, é *seguimento de Cristo*. “A espiritualidade cristã autêntica é aquela que leva ao encontro de Jesus na sua integralidade”<sup>3</sup>. É o modo ou a forma concreta de seguir Jesus Cristo em um determinado lugar e em uma determinada época (Lc 9,23-26).

Enquanto seguimento de Cristo, a espiritualidade é, sem dúvida, um estilo de vida vivido *no Espírito*. A maneira de seguir Jesus é sempre algo *suscitado* e *determinado* pelo Espírito do Pai (Rm 8,12-18). Assim sendo, a espiritualidade torna-se o modo concreto de viver o chamado à *santidade* (1Pd 1,13-16; 2,4-10). Na vida da pessoa que cultiva uma espiritualidade profunda passa a existir uma *coincidência* entre o espírito humano e o

---

\* Consagrado presbítero da Congregação Sociedade das Divinas Vocações (Vocacionistas), doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, autor de vários livros e dezenas de artigos sobre o tema da vocação e das vocações. Atualmente é Diretor-Presidente do Instituto de Pastoral Vocacional (IPV), com sede em São Paulo (SP).

<sup>1</sup> Cf. CNBB, *Espiritualidade sem medo*, Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1996, p. 9.

<sup>2</sup> CNBB, *Diretrizes para o Diaconado Permanente*, Paulinas, São Paulo, 2004, n° 154.

<sup>3</sup> V. J. DE CASTRO, *Espiritualidade cristã. Mística da realização humana*, Paulus, São Paulo, 1998, p. 18.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

Espírito divino (Gl 5,22-26). O nosso ser e o nosso agir são pautados pela lei da liberdade; o nosso caminhar se dá sob a ação e “o impulso do Espírito” (Gl 5,25).

Pode-se então dizer que a espiritualidade é o conjunto de *inspirações* e de *convicções* que anima o cristão e a cristã na sua relação com o Deus Trindade (Rm 4,1-25) e também o conjunto de *atitudes* e de *comportamentos* sociais que nascem desta relação (Rm 12,9-21). A espiritualidade é a *experiência de comunhão* com a Trindade e, portanto, a fonte de comunhão com as outras pessoas (1Jo 4,7-21). Ela é uma vida de comunhão com a vida da Trindade, realizada pela ação do Pai, na força redentora do Filho, através de uma ação permanente do Espírito. Vida de *relação* com Deus que desabrocha na irmandade e na solidariedade para com os irmãos e irmãs, de modo particular os excluídos e excluídas<sup>4</sup>.

Talvez a melhor definição de espiritualidade seja dada por este texto paulino: “Quero conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão em seus sofrimentos, para tornar-me semelhante a ele em sua morte, a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos” (Fl 3,10-11).

## 2. Breves traços da história da espiritualidade

Para nos situarmos melhor nesta reflexão, além de procurar entender o que é espiritualidade, seria importante saber como a comunidade cristã a experimentou durante estes dois mil anos de cristianismo. Isso ajuda a nos situarmos melhor em nosso tempo e a buscarmos acolher e construir uma espiritualidade encarnada, *inserida*, evitando assim os “espiritualismos de fuga” que não contribuem para sermos aqui e agora o “sal” e a “luz” do mundo, dos quais Jesus fala no Evangelho (cf. Mt 5,13-16). Um rápido olhar sobre a trajetória da espiritualidade nos permite identificar valores a serem preservados e as “cabeçadas” que deveriam ser evitadas<sup>5</sup>.

### a) A espiritualidade no primeiro milênio

No início do cristianismo e na Igreja primitiva a espiritualidade é identificada com a experiência de “contato” com a pessoa de Jesus Ressuscitado (cf. 1Jo 1,1-4). Nos cristãos e cristãs é muito forte a lembrança de Jesus, da sua prática e dos seus ensinamentos. A comunidade vive alimentada por esta realidade, pela certeza de que “realmente o Senhor ressuscitou” (Lc 24,34). A memória e o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus faz os discípulos e discípulas prosseguirem firmes “no caminho” (Lc 24,35), apesar dos desafios e dificuldades. Esta certeza vai alimentando uma outra: aquela de que Jesus virá. Por isso a espiritualidade tem uma conotação bastante *escatológica*. Vivendo na espera do Senhor que vem, a comunidade tem consciência da sua condição de peregrina (Hb 13,14). Por essa razão procura relativizar muitas coisas e situações (1Cor 7,29-31), desejando ardentemente a chegada do Libertador: “Amém! Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,20).

Na Igreja conhecida como *pós-apostólica* (final do século I e início do século II) a espiritualidade vai sendo associada ao martírio, à virgindade e à ascese. A vinda de Jesus não acontece como muitos esperavam. Esta demora passa a ser considerada como dom, como graça de Deus. O “tempo da espera” é visto como oportunidade de salvação oferecida por Deus (2Pd 3,14-15). Dentro desta perspectiva começa-se a ver a necessidade de um

<sup>4</sup> Cf. D. MONDONI, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, Loyola, São Paulo, 2000, pp. 81-89.

<sup>5</sup> Para uma breve visão histórica da espiritualidade veja-se *ibid.*, pp. 21-80.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

*esforço* para que Deus, na sua vinda, encontre os membros da Igreja “sem mancha e sem culpa, vivendo em paz” (2Pd 3,14). Tudo isso vai dando origem ao movimento dos profetas da comunidade, a experiência do celibato, ao grupo dos ascetas e aos pregadores itinerantes.

Na Igreja do século III vai tomando corpo a espiritualidade do oriente cristão primitivo, centrada na “*imago Dei*”, ou seja, a pessoa humana como imagem e semelhança da Santíssima Trindade. No final do IV século se fortalece a espiritualidade *monástica*. Diante do relaxamento da vida cristã, promovido pela liberação do cristianismo por parte do poder civil, algumas pessoas começam a reagir. Fazem um deslocamento da cidade para o deserto, buscando o silêncio, a pobreza, a austeridade. Era uma forma “pacífica” de contestação. Um primeiro retorno à fonte original da vida cristã, o Evangelho.

Neste período começa a nascer também uma espiritualidade do *ocidente latino*. O cristianismo já tinha se fortalecido na Europa. Porém, esta espiritualidade, aos poucos, vai sendo influenciada pelo platonismo, com matizes dualistas e maniqueístas. Começa-se a fazer *separações drásticas* entre alma e corpo, espírito e matéria, espiritual e carnal e assim por diante. Alimenta-se o desprezo pelo que é humano. O cristianismo perde muito das suas raízes, daquela unidade inicial que o tinha caracterizado como algo completamente novo e radical. Significativo para a afirmação desta forma de espiritualidade foi a ação dos monges irlandeses, os quais, a partir do século VI, descem para evangelizar a Europa continental e alimentam um cristianismo numa perspectiva mais individualista e intimista. A partir deste período começam a aparecer práticas como os exames de consciência, a confissão auricular, as mortificações. A situação social e política do norte da Europa levou a este tipo de espiritualidade. Os resultados posteriores, com o passar do tempo, nem sempre foram os melhores.

***b) A espiritualidade do segundo milênio***

A passagem do primeiro para o segundo milênio foi marcada por duas formas de espiritualidades cristãs. Uma mais oriental, *apofática*, isto é, contemplativa, prostrada diante do Mistério e uma mais *catafática*, ou seja, mais curiosa e mais pendente para o fazer. Os orientais, mais respeitosos pelo Transcendente, vivem uma espiritualidade da adoração e do silêncio. Os latinos, mais ativistas, não querem se calar e insistem em falar de Deus a Deus. Os orientais intensificam as celebrações litúrgicas e os ocidentais voltam-se mais para as *devoções* e os rituais bastante externos e cheios de muitos atos exteriores. Esta distinção de espiritualidades acentuou-se ainda mais com a separação que se deu entre a Igreja do Oriente e aquela do Ocidente.

A partir do século XII toma corpo a espiritualidade das *peregrinações* caracterizada por romarias aos “lugares santos” da Palestina, com intensa vida de oração e penitência. Tal espiritualidade está relacionada também com a luta para libertar a Terra Santa das mãos dos muçulmanos. É o período das cruzadas, marcado por um certo “heroísmo”, mas cheio de ambigüidades e abusos. Difunde-se, neste período, uma certa espiritualidade da vida *apostólica*, voltada mais especificamente para os leigos. Isso se prolonga até o século XIII.

Aos poucos todos estes movimentos tendem ao que se convencionou chamar de “espiritualidade *especulativa*”, também conhecida pelo nome de “devoção moderna”. Ela consiste numa concentração na contemplação, mas a partir da meditação, vista como reflexão intelectual. Isso vai dar origem à chamada “mística nupcial” ou “mística da união divina”, a qual permeia os séculos XIV e XV.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

No século XVI predomina, no Ocidente, a chamada “espiritualidade *espanhola*”, cujos expoentes mais conhecidos são Inácio de Loyola, Teresa de Ávila e João da Cruz. “A espiritualidade espanhola não se perdeu em abstrações, mas desceu à vida cotidiana. Ascetas e místicos, convictos de que a ação nasce da contemplação, urgiram a necessidade das obras, da ação pastoral; para eles, as obras são a prova da eficácia do matrimônio místico – último grau da experiência mística – e critério de sua veracidade”<sup>6</sup>. A partir desta época é significativa também a contribuição da espiritualidade *protestante*, a qual enfatiza muito o significado e o valor da Palavra de Deus, fonte do culto litúrgico e também do culto doméstico, celebrado nas famílias.

A chegada do século XVII é assinalada pelo surgimento da assim chamada “espiritualidade *francesa*”. Um dos seus representantes é São Francisco de Sales, o qual incentiva o cultivo da “amizade com Deus”. Além dele temos também São João Eudes e Santa Margarida Maria Alacoque com a devoção ao Coração de Jesus, realçando a misericórdia do Pai, através do amor do Filho. Por outro lado é também um momento difícil, uma vez que aparece o jansenismo. Este era uma doutrina espalhada por Jansênio (1585-1638), teólogo holandês e bispo de Ipres, a qual versava sobre a graça e a predestinação, afirmando a capacidade moral da pessoa humana. A salvação é conquistada a partir do esforço humano. Principal representante desta corrente espiritual foi a abadia de Port-Royal na França. O jansenismo se caracterizava sobretudo pelo rigorismo moral e, conseqüentemente, por uma forte tendência à piedade austera, à afirmação da grandeza e distância de Deus. Neste período aparecem um vigoroso culto ao Santíssimo Sacramento, com a instituição da festa de *Corpus Christi*, e um aumento da devoção mariana, sobretudo com o surgimento de congregações religiosas com carisma voltado para essa finalidade.

O século XVIII foi marcado pela tensão entre o *quietismo* e o *ativismo*, problemas colocados pelo laicismo e pelo racionalismo. O quietismo insistia sobre a ação divina, cabendo à pessoa humana apenas acolher a graça divina. O ativismo, raço do jansenismo, pretendia afirmar a necessidade do esforço humano para conseguir a salvação. A intervenção de Roma tenta resolver a questão, afirmando que a espiritualidade é o resultado tanto da iniciativa divina quanto da atuação da pessoa que se dispõe a acolher o dom de Deus. Há neste período uma afirmação cada vez maior da *razão*, a qual pretende substituir toda forma de expressão religiosa. Começa o fenômeno da *descristianização* do Ocidente. A espiritualidade passa a ser vista mais como ciência, racionalidade, ação do intelecto, do que como experiência de vida.

Com isso chega-se ao século XIX. Aqui a espiritualidade apresenta-se sem muita originalidade. Na Igreja Católica Romana vive-se no auge da “*romanização*”, da famosa “restauração”. Há uma pretensão do Vaticano, querendo que no mundo inteiro se faça “assim como é feito em Roma”. Caminha-se para uma grande desvalorização da mística. A espiritualidade passa a ser uma coisa privada, sem a dimensão comunitária. Há um forte dogmatismo, fazendo com que as pessoas busquem refúgio em práticas ascéticas e em preceitos muitas vezes sem muito sentido. Apesar de tudo, o Espírito não deixou de agir, suscitando santos e santas como João Bosco, Charles de Foucauld e Teresa de Lisieux.

Por causa desta situação, no início do século XX, vamos encontrar a espiritualidade cristã católica atravessando uma grande *crise*, especialmente devido a dicotomia entre essa e o mundo moderno. Mas logo começaram alguns movimentos, que culminaram no concílio Vaticano II, os quais apontaram pistas para a saída da crise. Muitos foram os

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 59.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

elementos que revitalizaram a espiritualidade neste século, especialmente a partir da sua segunda metade. Entre eles destacamos: o sentido da eclesialidade, a dimensão comunitária, a busca do Absoluto ou do Transcendente, a volta à fonte originária, ou seja, à Palavra de Deus, o valor da liturgia, a dimensão ecumênica e a redescoberta da patrística (textos dos antigos escritores da Igreja). O Concílio Vaticano II deu um grande impulso a uma forma de espiritualidade que superava as famosas dicotomias e antinomias, tais como a separação entre sagrado e profano, ação e contemplação, fé e vida e assim por diante.

Na América Latina esta realidade foi reforçada pelas conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), conseguindo-se resgatar o valor dos pobres, os quais passam a ser visto como *sujeitos* do processo evangelizador e da luta pela libertação das formas de opressão que massacraram o continente. Em Puebla, por exemplo, alerta-se para o perigo de um “espiritualismo de fuga” (P, 826) e pede-se que a Igreja assuma a “angústia histórica” dos nossos povos, de modo que “no domínio de Cristo e na Providência do Pai”, os filhos e as filhas de Deus “obtenham a paz necessária enquanto lutam no tempo” (P, 468).

Alerta que, sem dúvida, vale para os tempos atuais quando estamos assistindo a imposição de um neoconservadorismo avassalador que, unido ao fundamentalismo arcaico e estúpido, quer fazer voltar, ao mundo da espiritualidade, formas ultrapassadas e heréticas, as quais não tiveram nenhum sentido nem mesmo em épocas passadas. Os frutos deste fenômeno é a total distância do mundo real e a fuga do compromisso com a transformação da sociedade. Neste contexto, diz Dom Pedro Casaldáliga, precisamos, como Jesus, repelir três grandes tentações que tendem a afetar a nossa espiritualidade: “a tentação de renunciar à memória e à história; a tentação de renunciar à cruz e à militância; a tentação de renunciar à esperança e a utopia”<sup>7</sup>.

### 3. Exigências de uma espiritualidade para os nossos dias

#### 3.1. Atenção para a volta ao sagrado

Dentro deste contexto que acabamos de apresentar é indispensável prestar atenção a algumas coisas que estão acontecendo, de modo que possamos encontrar caminhos novos para o cultivo de uma autêntica espiritualidade. Como o serviço do diácono se dá em um tempo e em um espaço bem concretos, toca-nos o dever de nos darmos conta de certas situações. Se isso não acontecer corremos o risco de viver não uma relação profunda com Deus, mas um verdadeiro “espiritualismo de fuga” que nos afasta completamente da realidade. De fato, a espiritualidade “tem que ver com o sentido que as pessoas descobrem na vida, nos fatos, nas coisas todas com que lidamos”<sup>8</sup>.

Um primeiro elemento a ser considerado é a volta ao sagrado. É um fenômeno do momento atual. “*Fascínio do Sagrado* é tema atualmente muito em voga. Há um aspecto circunstancial, conjuntural, que favorece esse surto sagrado”<sup>9</sup>. A sede do Transcendente entre as pessoas é enorme. A conjuntura, diz Libanio, favorece este fato. Vivemos mergulhados e mergulhadas numa grande desilusão. A modernidade havia prometido resolver todos os nossos problemas. Na verdade chegamos a grandes conquistas e a avanços

<sup>7</sup> P. CASALDÁLIGA, *Nossa Espiritualidade*, Paulus, São Paulo, 1998<sup>2</sup>, p. 16.

<sup>8</sup> T. M. L. DA CRUZ, *Este mundo de Deus*. Educar para a espiritualidade do cotidiano, Paulus, São Paulo, 1999, p. 12.

<sup>9</sup> J. B. LIBÂNIO, *Fascínio do Sagrado*, em *Vida Pastoral* 212 (2000), p. 2.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

extraordinários na tecnologia, nas ciências e nos conhecimentos humanos. Nunca a humanidade tinha atingido um nível de progresso tão grande. Mas, ao mesmo tempo, experimentamos, com muita amargura, a fragilidade humana, a fraqueza, a miséria, a injustiça, a corrupção. As promessas da modernidade só se realizam para um grupo pequeno, privilegiado. Elas se tornaram, no dizer de Lyon, uma espécie de “jaula de ferro”, escravizando a maioria absoluta das pessoas<sup>10</sup>. Diante disso tudo, de uma vida aprisionada pela modernidade, a humanidade toma consciência de que somente o sagrado pode oferecer a garantia da sobrevivência e da felicidade. Em razão disso assiste-se, hoje em dia, uma corrida frenética aos “lugares de salvação”, aos gurus, uma vez que se pensa que somente eles podem oferecer saídas para a grande frustração provocada pela modernidade.

Todavia, neste contexto de ebulição sacra, não podemos esquecer que o sagrado “não é transcendente, não é Deus, mas desvela, revela, aponta para o Transcendente, para Deus. É uma das experiências humanas que mais facilmente nos desperta para a Transcendência”<sup>11</sup>. Portanto, é bom não confundir experiência de sagrado com experiência de Deus. Além dos mais, precisamos estar atentos e atentas para o perigo da comercialização deste sagrado. “O mercado descobriu que o sagrado fascina. Descobriu que as manifestações do religioso respondem a uma necessidade e que, conseqüentemente, há demanda para tal produto. E onde há demanda, ali pode-se ganhar dinheiro”<sup>12</sup>. Desta maneira podemos ter, diante de nós, o desafio de não aceitar qualquer tipo de sagrado, especialmente quando ele vira “produto” comercializado por pessoas inescrupulosas que não só querem ganhar dinheiro, mas também manter uma certa ordem social, favorável aos interesses dos que ganham com tudo isso. Num ambiente onde expressões sacras tornam-se “produto” para ser comercializado, vendido, é indispensável agir de forma profética e com muito discernimento. O atual sistema faz com que esse novo vigor e entusiasmo religioso sejam canalizados em oportunidades de comercializar novo produto. “Produto que corresponde a uma demanda, é inegável. Mas, nem por isso, deixa de ser produto que dá lucro e que se torna interessante enquanto der lucro”<sup>13</sup>. Diante deste fenômeno é preciso ter ousadia e coragem. Ousadia para desmascarar a farsa e coragem para propor uma alternativa de espiritualidade libertadora e dinâmica.

Nós cristãos e cristãs precisamos ter critérios bem precisos. Não dá para aceitar qualquer coisa que se apresenta bonita, atraente. Neste mercado neoliberal há ofertas religiosas que deturpam e corrompem. Como tais não podem ser aceitas, mesmo que tragam o rótulo de “católicas” e sejam abençoadas por eminentes personalidades eclesiais. Os critérios para a avaliação dessas ofertas provém do próprio cristianismo, entendido sobretudo como revelação e como fé no Filho de Deus que se encarnou, se fez carne e assumiu a nossa condição. “A partir dessa fé, o cristão pode mais facilmente discernir as formas religiosas que o conduzem a ela e as que o afastam. Esse discernimento é a nossa mais importante tarefa no mundo encantado e fascinado pelo Sagrado”<sup>14</sup>.

### ***3.2. Espiritualidade e cultura***

---

<sup>10</sup> D. LYON, *Pós-modernidade*, Paulus, São Paulo, 1998, pp. 51-53.

<sup>11</sup> J. B. LIBÂNIO, *Fascínio do Sagrado*, p. 2.

<sup>12</sup> R. J. BLANK, *O Sagrado e os mecanismos do mercado neoliberal*, em *Vida Pastoral* 212 (2000), p. 10.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> J. B. LIBÂNIO, *Fascínio do Sagrado*, art. cit., p. 7.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

O desafio anterior aponta para um outro dado muito importante. A espiritualidade corresponde à realidade de cada época e de cada povo. “Nenhuma realidade humana pode ser vivida fora do contexto concreto histórico. No entanto, o ser humano transcende todos os contextos. É uma experiência que todos fazemos e que expressamos de muitas maneiras, conforme nosso horizonte cultural”<sup>15</sup>. Há, pois, uma ligação muito grande entre espiritualidade e cultura. Mas não é suficiente que a espiritualidade se amolde aos padrões da cultura. Ela, enquanto experiência profunda do Transcendente deve trazer consigo um posicionamento crítico, ajudando a superar situações, costumes e expressões da própria cultura que estão aliadas às forças da morte.

Falando mais claramente: a espiritualidade deve também contribuir para a libertação e a purificação das culturas. Uma “espiritualidade do seguimento de Jesus que propicie o encontro entre a fé e a vida, que seja promotora da justiça, da solidariedade e que anime um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida” (SD, 116). O cristianismo, de um modo todo particular, não pode conviver com experiências de “lavagem cerebral” que servem apenas para justificar as práticas injustas e desonestas de um sistema e de uma convivência social que gera exclusão. A experiência da fé cristã, enquanto seguimento de Jesus, precisa ser algo como “o advento de Deus, de sua graça e de seu Reino na história dos seres humanos”<sup>16</sup>. Por isso toda verdadeira espiritualidade cristã conduz necessariamente a um processo integral de libertação. E para ser libertadora a espiritualidade cristã precisa ser uma “escandalosa espiritualidade da encarnação”, algo que passe pelo “andar de baixo”, procurando assumir “o concreto chão da vida como lugar de revelação de Deus”<sup>17</sup>.

### 3.3. Linhas da espiritualidade atual

Todas essas considerações indicam quais seriam as principais linhas de uma espiritualidade para os nossos dias. Antes de tudo ela precisa ser uma experiência que dê *sentido* à existência humana. Não basta que esteja atenta à história da salvação, ao que a Bíblia, enquanto Palavra de Deus, nos oferece. A espiritualidade cristã precisa ler os “sinais dos tempos”, colher as indicações da história atual, da realidade, com um olhar todo especial para aqueles e aquelas que sofrem injustiças. Enquanto tal, ela deverá ser uma *experiência* histórico-salvífica de Deus: do Deus conosco, presente na história, e não de um Deus abstrato.

Além disso, a espiritualidade precisa ser vivida como *compromisso* e não como “fuga do mundo”. Não deve ser confundida com espiritualismo desencarnado, alienante. Enquanto “atitude de base a ser vivida em cada momento e em toda a circunstância”<sup>18</sup>, a espiritualidade precisa ser *libertadora*. Ela, para o discípulo ou discípula de Jesus, terá que significar também conversão ao próximo excluído, oprimido, denúncia profética das injustiças, solidariedade com os pobres, celebração histórica do mistério pascal, gratidão, alegria e esperança. Portanto, uma espiritualidade de *comunhão*, capaz de libertar da tentação do individualismo e ajudar a pessoa a integrar-se plenamente na vida da

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>16</sup> L. BOFF, *Espiritualidade: dimensão esquecida mas necessária*, em *Vida Pastoral* 212 (2000), p. 25.

<sup>17</sup> Cf. T. M. L. DA CRUZ, *Este mundo de Deus*, op. cit., pp. 38-46.

<sup>18</sup> L. BOFF, *Espiritualidade: dimensão esquecida mas necessária*, art. cit., p. 25.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

comunidade, assumindo a solidariedade como elemento fundamental e permanente do próprio modo de existir.

### ***3.4. O futuro da espiritualidade***

É possível então afirmar que terá futuro somente uma espiritualidade que *não seja evasiva e dualista*. Uma espiritualidade capaz de libertar-se do individualismo, do dualismo, da pura e simples projeção ultraterrena da vida e do sobrenaturalismo. O futuro pertence àquela espiritualidade personalizada, experiencial, histórica, libertadora e comunitária.

Somente uma espiritualidade que seja de *unidade e criativa*, que saiba fazer uma *síntese* na unidade dialética, recuperando os valores da espiritualidade popular, escutando as Sagradas Escrituras e a história, abrindo-se às exigências dos tempos atuais, poderá resistir aos desafios do mundo de hoje. Aquelas que não caminharem por esta estrada estão condenadas a serem experiências de pura “massagem espiritual”, que desaparecerão quando também as dores humanas encontrarem alternativas, outras “massagens” melhores e mais eficientes.

## **4. Os dois “braços” da espiritualidade**

A experiência mostra que a espiritualidade cristã possui dois “braços” bastantes significativos e importantes para o seu bom desempenho. Trata-se da *mística* e da *ascese*. A falta de um desses dois braços faz da espiritualidade uma coisa mutilada, deficiente, incompleta.

### ***4.1. A mística cristã***

Normalmente a mística é definida como a forma e o grau de intensidade que atinge a experiência e o “conhecimento” de Deus. Com palavras bem simples pode-se dizer que a mística é a experiência de Deus, enquanto “uma dimensão humana. Deus está presente no profundo de cada ser humano. Ele envolve, penetra e mora em cada homem e mulher. Qualquer pessoa pode fazer a experiência, na simplicidade, no dia-a-dia”<sup>19</sup>. É o âmbito da relação e da comunhão com a Trindade. Enquanto tal é um fenômeno “passivo”, fruto da iniciativa divina, embora muito simples. Passivo, no sentido que a pessoa *é conduzida*, atraída, chamada por Deus. Ela não toma a iniciativa, mas apenas entra no dinamismo, descobre-se envolvida pelo amor de Deus (cf. Jr 20,7; Jo 6,44; Jo 15,16; Dt 7,6). Esta definição de mística mostra que não é possível, hoje, ser cristão sem ser místico. Portanto, a mística não deveria ser privilégio de alguns.

A partir disso, pode-se dizer que o místico é um crente, isto é, pessoa de fé, que faz experiência da graça e da misericórdia de Deus. Por isso é capaz de relativizar a sua experiência para abrir-se à caridade, mesmo vivendo a comunhão com Deus como algo inefável, real. Do mesmo modo pode-se afirmar que a mística não pode ser concebida apenas no nível racional. Ela “não parte de princípios morais, mas da experiência de Deus que transforma as pessoas no seu lado mais íntimo e de tal modo que renova nelas o seu

---

<sup>19</sup> V. J. DE CASTRO, *Espiritualidade cristã*, op. cit., p. 19.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

comportamento”<sup>20</sup>. Assim sendo, a mística é uma experiência “esponsal”. A própria Bíblia apresenta a comunhão de Deus com a pessoa humana, e vice-versa, nos termos da união conjugal entre marido e mulher, marcada pela disponibilidade e entrega total na liberdade<sup>21</sup>.

Embora muitas experiências místicas tenham se manifestado através da “ausência” de Deus, da “noite escura”, do “curtir” uma profunda aridez, não se pode negar que o dado mais importante é a relação com a Trindade. A pura resignação, o abandono total nas mãos do Senhor (cf. Mc 15,34) completa-se com a “união divina”. A mística é “a procura de Deus por parte do amante, o projetar-se na direção do amado; é o tornar-se uma só coisa com Deus no fundo da minha alma, o mergulhar em mim mesmo, na profundidade da minha alma, o tornar-me unido à minha mais profunda essência que é, ao mesmo tempo, ficar unido a Deus”<sup>22</sup>.

#### 4.2. A ascese cristã

Dentro da perspectiva bíblica não é suficiente esta experiência de intimidade com a Trindade. Por isso a Palavra de Deus contempla também a necessidade de um esforço para progredir no seguimento de Jesus. A ascese cristã “é a adaptação sistemática da nossa vida em vista da plenitude escatológica: é o esforço para dispô-la em conformidade com a fé. É um meio a serviço de um fim: objetiva o domínio dos desejos regulados pelo egoísmo, a fim de que possamos nos orientar pelo serviço da caridade (do amor generoso)”<sup>23</sup>. Assim considerada a ascese cristã comporta dois elementos: o esforço e o método; o que fazer e o jeito como fazer. No Novo Testamento não encontramos a palavra “ascese”, mas é possível perceber a sua idéia. “Entrem pela porta estreita...”(Mt 7,13). O seguimento de Jesus comporta também renúncias (Mc 8,34-38), luta e combate (1Cor 9,24-27), além de rupturas corajosas (Mt 5,29-30). Não basta querer seguir Jesus. É preciso fazer um *esforço* e cuidar para firmar o chamado pelo qual fomos escolhidos e escolhidas (cf. 2Pd 1,5-11).

Portanto, do ponto de vista psicológico, a ascese cristã não se diferencia das outras. A diferença está no aspecto teológico: a pessoa precisa da graça divina para cumprir a sua missão. O puro e simples esforço não é suficiente. O progresso espiritual não depende diretamente do esforço ascético, mas da intervenção divina. Além do mais, a ascese cristã busca ultrapassar aspectos puramente periféricos para concentrar-se no compromisso de uma vida mais evangélica. Assim sendo, ela não fica limitada a detalhes rigoristas ou exterioristas. Vai mais além. Sua proposta considera elementos como a luta para a superação das diversas formas de idolatria, o compromisso histórico com a libertação dos excluídos, a oração encarnada na vida e não alienada, o esforço para realizar a partilha, a presença que transforma o ambiente, a busca da sintonia com o Espírito, através da leitura dos “sinais dos tempos”.

Podemos então afirmar que a ascese cristã é *abnegação* (Flp 2,6-8), *renúncia* (Mt 16,24-25) e aceitação da *perseguição* por causa do Reino (Mt 5,10-12). O fio condutor não é a ascese por si mesma, uma vez que ela, isolada, não tem nenhum significado. A bússola, a linha inspiradora é sempre o seguimento de Jesus na realidade concreta do momento em

<sup>20</sup> A. GRÜN, *Mística ed Eros*, Berti, Piacenza, 2000, p. 5.

<sup>21</sup> Cf. Os 1,1-2,15; Ef 5,21-33.

<sup>22</sup> A. GRÜN, *Mística ed Eros*, op. cit., p. 8.

<sup>23</sup> D. MONDONI, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, op. cit., p. 150.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

que estamos vivendo. Este tipo de ascese não consagra o sofrimento e a dor. Ele é luta para superar a morte e a alienação, mesmo que para isso seja preciso, como fez Jesus, passar pela paixão e pela experiência da cruz. A ascese cristã parte do princípio de que Cristo já morreu crucificado para que ninguém mais seja crucificado. Por isso mesmo é preciso ter muito cuidado para *não separar* a ascese da mística. O “sejam perfeitos...” (Mt 5,48) supõe sempre o “foi ele que nos amou”(1Jo 4,10). Do contrário, caímos no farisaísmo que engole camelo e se engasga com mosquito! (cf. Mt 23,24).

## 5. A espiritualidade do diácono

Após todas essas considerações, torna-se possível agora refletir sobre a espiritualidade do diácono. Por uma questão metodológica iremos distinguir a mística da ascese, embora, como acabamos de ver, estes dois “braços” não possam ser separados. No âmbito da mística iremos mostrar que ela possui três dimensões: a antropológica, a teológica e a eclesial. Na antropológica aparece uma visão de pessoa humana com a qual a Trindade se comunica. Na teológica se revela o Deus que se manifesta à humanidade como comunidade de pessoas (Trindade). Na eclesial é possível identificar o diácono como alguém inserido na Igreja, buscando diariamente viver no seguimento de Jesus<sup>24</sup>. A espiritualidade verdadeira brota de uma experiência de comunidade. Já no âmbito da ascese falaremos de experiências significativas que os diáconos podemos fazer quando assumem a missão de ser sinal sacramental de Cristo-Servo<sup>25</sup>.

### 5.1. A mística do serviço diaconal

#### a) Dimensão antropológica

A mística do diácono consiste, em primeiro lugar, naquela capacidade de servir tendo presente o *valor* da pessoa humana (Sl 8,6-9), imagem e semelhança da Trindade (Gn 1,26-27). A partir dessa perspectiva a missão do diácono passa a ser vista acima de tudo como *serviço*, especialmente aos mais pobres e pequenos<sup>26</sup>.

No encontro com as pessoas, especialmente os pobres, o diácono deverá perceber sempre a *ação do Espírito Santo*, do qual elas são templo (Rm 8,9.14-16; 1Cor 3,16). Isso leva à promoção de uma atividade caritativa que, de fato, contribua para o cultivo dos valores humanos e cristãos (Rm 12,9-21).

Neste sentido, a diaconia passa a ser um espaço de *liberdade* e de *libertação* (Gl 5,1-15). Supõe pessoas realmente livres, capazes de entrar em diálogo com Aquele que é a fonte da liberdade e com irmãos e irmãs chamados e chamadas por Cristo para serem “verdadeiramente livres” (Gl 5,1). A partir dessa realidade, a atividade diaconal vai

<sup>24</sup> Cf. CNBB, *Diretrizes para o Diaconado Permanente*, nº 160.

<sup>25</sup> Este item se inspira na pedagogia do Pe. Justino Russolillo (1891-1955), fundador das Congregações Vocacionistas. Com relação a isso veja-se G. RUSSOLILLO, *I Direttori di Spiritualità*, Vocazioniste, Pianura, 2000; J. L. M. DE OLIVEIRA, *Na órbita de Deus*. A espiritualidade do animador e da animadora vocacional, IPV – Loyola, São Paulo, 2004; *A vocação à União Divina*. A teologia trinitária e antropologia teológica de Giustino Russolillo, Vocacionistas, Vitória da Conquista, 1992; ID., *O servo e a serva dos Santos*. A identidade carismática do religioso e da religiosa vocacionista, Vocacionistas, Vitória da Conquista, 1994.

<sup>26</sup> Cf. Jo 13,1-17; CNBB, *Diretrizes para o Diaconado Permanente*, nn. 39 e 46.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

suscitar, em primeiro lugar, a consciência da importância do chamado à vida (Jo 10,10), não buscando direcionar logo as pessoas para os interesses dos grupos, mas para o projeto libertador da Trindade. Assim a mística ajudará a “recuperar o autêntico sentido de vocação e ministério que às vezes é compreendido numa perspectiva funcionalista”<sup>27</sup>, porque visa atender apenas as necessidades imediatas da instituição.

A mística, no exercício do ministério diaconal, significa ainda ter sempre e somente como *modelo* de pessoa humana a figura de Jesus Cristo (Rm 5,12-21) e como *referenciais* para o seguimento apenas as exigências do Reino (Mt 10,34-39). O diácono é alguém que procura propor sempre o *ideal* (Mt 5,48), mas sem tirar os pés do real (At 1,10-11), prestando bastante atenção aos “sinais dos tempos” (Mt 16,1-4; Lc 12,54-57). Não fica, portanto, “andando nas nuvens”, ou com manias “lunáticas”, fora da realidade e do compromisso concreto com a sua comunidade.

*b) Dimensão teológica*

Quanto mais a pessoa for humana mais ela poderá viver a vocação como chamado à *comunhão* com a Trindade e com as demais pessoas da comunidade (Gn 2,18; 1Jo 1,1-4). Da mesma forma esta comunhão será *profunda*, verdadeira, envolvendo todo o ser da pessoa humana: espírito, alma e corpo (Gn 2,22-24; Jr 2,2; Ap 19,7-9; 21,2.9). Sendo uma experiência de “sedução” (Jr 20,7) a vocação diz respeito ao ser humano por inteiro. Não pode ser considerada como algo que atinge apenas partes ou uma parte do ser humano.

Este pressuposto indica que a verdadeira mística leva a pessoa a assumir a vocação como ato de *amor* a Deus e amor ao próximo (Jo 15,12-17). O diácono vê cada pessoa como alguém chamado por Deus para participar do seu *mistério* de amor (Ef 1,3-12). Deste modo não colocará em primeiro lugar as “obras” de evangelização – por mais importantes que elas sejam –, mas tão-somente o desejo de ajudar alguém a tomar parte ativa no dinamismo que nasce do amor sem medidas que brota do coração da Trindade.

O diácono, que também é vocacionado a ser místico, tem a certeza de que, ao chamar, Deus sempre coloca a pessoa em condições de responder à sua convocação. O Pai sempre oferece a sua graça por meio da mediação do Filho e da ação do Espírito (Rm 5,15-21; Ef 4,7; 1Cor 15,10). Isso leva o diácono a ter mais respeito pelas pessoas, evitando tratá-las como se fossem suas propriedades. No seu ouvido ressoará sempre a palavra de Javé: “eu... o chamei pelo nome; você é meu” (Is 43,1). A mística afugenta qualquer tentação de manipulação do ser humano.

*c) Dimensão eclesial*

A experiência mística de que estamos falando levará, necessariamente, o diácono a viver e ajudar os membros da comunidade a serem pessoas inseridas e participantes ativos da vida eclesial (Mt 18,20; Jo 20,24-29; At 4,32-37). E isso sem pretensões exageradas a não ser aquela de que a vocação é convocação para ser *apenas* “sal e luz” (Mt 5,13-16), “semente de mostarda” e “fermento na massa” (Mt 13,31-33).

Nesta perspectiva, a mística significa ter sempre presente que a comunidade dos discípulos e discipulas de Jesus é chamada a ser “pequenino rebanho”(Lc 12,32),

---

<sup>27</sup> CNBB, *Vocações e Ministérios para o Novo Milênio*. Documento final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil, Brasília, 1999, n.º 8.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

eliminando de vez toda e qualquer tentação de grandeza e de suntuosidade. A mística cristã é mística da pequenez, da simplicidade, sabendo que, como no caso de Jesus, a pequenez será a epifania do Reino. Uma mística da *encarnação*, cuja dinâmica é o chamado a “misturar-se com...” (Mt 2,1-12; 3,16-17; Jo 2,1-12), num total escondimento.

A missão do diácono é apenas de ser “*parábola*” do Reino (Mt 13,34-35). Por isso ela requer uma mística da *vigilância*. Algo que nos ajude a perceber a chegada do Senhor no espaço e no tempo que não se espera. Trata-se de estar sempre pronto para acolher as surpresas de Deus (Mt 25,1-13). Pode-se então falar de mística da multiplicação dos talentos recebidos (Mt 25,14-30), prestando muita atenção à presença do Senhor no rosto dos excluídos e das excluídas (Mt 25,31-46).

## 5.2. A ascese do serviço diaconal

### a) Cultivando a humildade no serviço diaconal

A mística da qual se falou até agora vai requerer um esforço, uma *ascese*, nos termos analisados anteriormente. Tal ascese significa, em primeiro lugar, exercer o ministério diaconal com o espírito de despojamento e sem grandes pretensões: “Somos empregados inúteis; fizemos o que devíamos fazer” (Lc 17,10). Dentro deste clima, o diácono procura educar o Povo de Deus sempre para a *Verdade* que liberta (Jo 8,32). Isso significa exercício do ministério com toda a *transparência* possível, não querendo ser aquilo que, de fato, não é (Mt 23,27-28). Lembrando sempre que a *regra de ouro* da evangelização é o testemunho de vida (Jo 1,39; Fl 3,17; 4,9), o diácono praticará a ascese da superação de toda *mentalidade proselitista* (Mt 23,15). Seu trabalho evangelizador não se dará através de discursos bonitos, mas por meio da “convivência com o Evangelho”<sup>28</sup>. Assim, ele não tentará converter a todo custo as pessoas, mas, pelo contrário, se fará reconhecer como discípulo do Senhor sendo “presença viva da caridade de toda a Igreja” no meio da humanidade<sup>29</sup>.

### b) Exercer o ministério com abnegação

O cultivo da humildade mostra que o exercício do ministério diaconal deve ser revestido de *silêncio reverente*, entendido como capacidade de respeitar as pessoas, evitando dizer o que não seria bom para o crescimento delas (Tg 3,1-12). Trata-se da superação do exibicionismo, da pretensão de superioridade na relação com os demais irmãos e irmãs da comunidade<sup>30</sup>. O serviço diaconal é também uma permanente escola de aprendizagem; exige uma ação carregada de realismo, sem falsas ilusões, mas com a consciência clara de que não sabemos tudo (1Cor 3,18-19).

Diríamos, portanto, que a ascese da abnegação no serviço diaconal seria o cultivar a “*passividade*” diante de Deus. Tal atitude pode ser identificada como o permanecer sempre aberto para acolher a vontade divina que, quase sempre, passa bem distante das nossas pretensões e dos nossos projetos “bem feitos” (Gn 22,1-19; Is 55,8). Por essa razão é muito importante não pretender *demais* dos irmãos e das irmãs. A missão diaconal, como a do

<sup>28</sup> CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nº 59.

<sup>29</sup> *Ibid.*, nn. 53-54.

<sup>30</sup> Cf. Lc 18,19-14; CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nn. 47-50.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

servo Jesus, é, antes de tudo, uma *proposta*: “Se você quer...” (Mt 19,21). Neste sentido, o cultivo da ascese passa necessariamente pela *sensibilidade* que faz do diácono um homem capaz de perceber os apelos divinos nos gritos da humanidade sofrida e oprimida. Pode-se então dizer que é típico da ascese diaconal o assumir a opção preferencial pelos pobres, marginalizados e excluídos. Enquanto *apóstolo da caridade*, o diácono responde ao chamamento divino na medida em que se deixa tocar profundamente pela dor da humanidade e for capaz de se revestir de muita compaixão<sup>31</sup>.

Isso tudo mostra que é preciso assumir seriamente o serviço diaconal na perspectiva da caridade, evitando reduzir esse ministério ao âmbito puramente celebrativo. A ascese diaconal é bastante exigente quanto a isso e não adianta arranjar desculpas para fugir da responsabilidade (Lc 14,15-24). Embora o exercício do ministério diaconal comporte o serviço da Palavra e da Liturgia, os diáconos precisam ter a coragem de priorizar o serviço da Caridade, evitando querer abraçar várias coisas ao mesmo tempo. Para o diácono a ascese cristã comporta um acolher a graça sacramental e a missão que fazem dos diáconos verdadeiros administradores da caridade e do serviço social da Igreja<sup>32</sup>. Como São Lourenço, o diácono vive a ascese cristã no cuidado especial pelos pobres, verdadeiros “tesouros da Igreja”. Colocando os pobres no *centro* da vida eclesial (cf. Mc 3,3) o diácono saberá também relativizar muitas coisas (Mc 8,36-37), certo de “que a aparência deste mundo é passageira”(1Cor 7,31). Buscará, desse modo, a única coisa necessária (Lc 10,42).

c) *Fazer a experiência da limitação no serviço diaconal*

A abnegação nos faz lembrar sempre que *somos limitados*. Não nos deixa sucumbir à tentação de querer “ser como Deus” (Gn 3,5). Talvez uma das maiores tentações do ser humano é querer ser “todo-poderoso”, o dono da vida alheia. E quando cedemos a essa tentação nos tornamos destruidores da beleza da vida criada por Deus.

Mas há também um outro aspecto. Diante dos desafios, pode-se ter a sensação de fracasso, de impotência, de não ter servido para nada. Por isso, no exercício da diaconia, é preciso sempre que acreditar nessa afirmação: “Para você basta a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,9). Esta certeza, porém, não permite o direito a acomodação. Neste sentido o diácono cultiva a ascese cristã vivendo num clima de “*insatisfação espiritual*”, sem nunca se conformar com a mentalidade vigente (Rm 12,1-2). É indispensável fazer da própria experiência de limitação um motivo para a busca do crescimento, evitando a estagnação, repugnando toda forma de mediocridade (Fl 3,12-14). Dentro deste clima da ascese da limitação, precisa-se evitar a *subjetividade* no exercício do ministério, não tendo como único critério a própria vontade ou a própria consciência (Rm 14,1-15; 1Cor 8,7-13; Tg 4,11-12). Em razão disso, o diácono nunca deve colocar-se como *ídolo* para os outros (At 14,11-18). De fato, ele não é ordenado para si mesmo, mas para o serviço à comunidade, ajudando a construir um mundo conforme o projeto divino<sup>33</sup>.

d) *Buscar ser uma pessoa livre e autônoma*

<sup>31</sup> Cf. CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nº 56.

<sup>32</sup> Cf. *ibid.*, nº 62.

<sup>33</sup> Cf. *ibid.*, nn. 47-49.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

A experiência do limite é positiva. Faz a pessoa tornar-se *autônoma*. Sabemos que a autonomia cristã nasce da *experiência quenótica*, do fazer-se servo (Fl 2,5-8). No ato de servir, a pessoa humana, a exemplo de Jesus, adquire o *poder* de dar a vida e de retomá-la, sem ser pressionada por ninguém (Jo 10,18). A partir de uma profunda experiência de *fé*, que rompe qualquer barreira, nos tornamos capazes de prosseguir sem medo (Hb 11).

A autonomia, a liberdade, provém também da capacidade de *escutar* sempre (Lc 2,19.51), lembrando que Deus se revela nos vivos e não nos mortos (Lc 16,31). “O diácono, antes de ser servidor da Palavra, será discípulo e ouvinte”<sup>34</sup>. Disto brota aquilo que o Novo Testamento chama de *obediência* pelo sofrimento. Neste sentido a ascese é aquela firmeza, ou seja, a audácia, a coragem em persistir e resistir (Hb 5,7-10).

Dentro deste prisma, considera-se ascese do serviço diaconal o esforço para *superar a “letra”* e buscar o “espírito” da Lei, ou seja, aquilo que, de fato, favorece o bem da pessoa humana (2Cor 3,4-6). Ao exercer o ministério, o diácono procura superar o *egocentrismo*, dando-se conta do que está acontecendo com as pessoas ao seu redor (Lc 10,25-37; Mc 10,49). Para tanto é preciso um esforço para atingir um grau de *liberdade* que permita agir sem constrangimentos, podendo doar-se totalmente (Jo 10,17-18), lutando para *não ser escravizado* por nada e por ninguém (Gl 5,18), tendo como compromisso permanente apenas *amar* (Mc 12,28-34; 1Jo 4,7-21).

e) *Assumir a experiência da própria fragilidade*

Enquanto ascese, a experiência da limitação abre perspectivas para a aceitação da própria *fragilidade*. O diácono será alguém que experimentou na sua carne aquilo que também tocou profundamente o apóstolo Paulo: “todos pecaram e estão privados da glória de Deus”(Rm 3,23). Isso lhe ajuda a não querer ser “santinho” diante das demais pessoas, mas alguém que reconhece a sua condição de criatura frágil, necessitada permanentemente de misericórdia e de perdão.

Neste sentido a ascese diaconal consiste em assumir, diante dos irmãos e das irmãs, a *responsabilidade* pelos próprios atos, evitando justificar sempre o erro (Gn 3,8-14). Significa também evitar *sufocar* a consciência com o relativismo e com a desculpa de que “todos fazem assim”, quando questionados pelas pessoas (2Sm 11,2-12,23). O diácono, enquanto homem público de Igreja, assume o compromisso de reconhecer sempre a própria condição de pecador (Lc 18,13).

Isto quer dizer que, num verdadeiro caminho ascético, o diácono busca igualmente *reparar* os próprios erros, especialmente os danos cometidos contra as pessoas (Lc 19,1-10), além de assumir seriamente o compromisso de mudar de vida (Lc 19,8). No seu serviço cultivará atitudes que ajudem a romper com a mediocridade e a superficialidade (Mt 5,29-30).

### **Conclusão**

A espiritualidade que alimenta a vida cristã terá que ser algo permanente e do dia-a-dia da vida. “Esta não é uma espiritualidade apenas para momentos de oração e retiro, mas a descoberta de Deus lá onde as pessoas vivem, trabalham, amam, riem e choram. Esta experiência pessoal de Deus, *esta vivência mística*, não está destinada a ficar fechada no

---

<sup>34</sup> Cf. *ibid.*, nº 58.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND  
III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

íntimo do indivíduo, mas *se tornará a base do testemunho*: não de uma verdade abstrata, apenas proclamada em palavras, mas de *uma verdade que se fez vida* e expressa a comunhão com Deus na comunhão dos irmãos”<sup>35</sup>.

Essa proposta vale, sobretudo para os diáconos, uma vez que eles são pessoas “que representam pública e oficialmente o Cristo-Servo na sua família, no trabalho, na comunidade e na sociedade. Suas palavras, gestos e atitudes manifestam o Cristo”<sup>36</sup>. Por essa razão, tal espiritualidade terá que ser trinitária, expressando a diaconia de Cristo, Filho de Deus, portador do Espírito, vindo para servir, de modo particular os mais pobres<sup>37</sup>. Portanto, uma espiritualidade pascal, com momentos de cruz e de ressurreição, uma vez que não será possível ser ícone do Cristo-Servo sem partilhar da sorte daquele que é o modelo de todo servidor (cf. Lc 9,22-25).

Enquanto experiência de Deus vivida a partir dos últimos, a espiritualidade do diácono é algo que está relacionado com o reverso da história. Ela só pode ser vivida quando o diácono se deixa *tocar* pela dor dos oprimidos, dos que são afetados pelas provações da vida<sup>38</sup>. Neste sentido, a espiritualidade diaconal é também a espiritualidade da solidariedade e do martírio, profundamente marcada por relacionamentos, por encontros, de modo particular com os pequeninos e os pobres, nos quais Cristo quer estar presente<sup>39</sup>. Pode-se então afirmar que a espiritualidade do diácono é uma *espiritualidade da estrada*. Deus não se encontra nos templos, nos ritos religiosos, mas no próximo caído que grita por socorro. A espiritualidade do diácono é a espiritualidade da *proximidade*: aproximar-se, compadecer-se, assumir as dores das pessoas feridas e maltratadas. Sem esse elemento fundamental o diácono corre o risco de se tornar um mero *funcionário* do culto<sup>40</sup>.

Vemos então que a espiritualidade diaconal não pode estar desconectada da vida concreta, da afetividade e da sexualidade. Aliás, como lembram muito bem as Diretrizes para o Diaconado, a dimensão humano-afetiva é o *alicerce* da vocação do diácono. Toda fuga do humano se constitui numa negação da essência do cristianismo. Por essa razão, a busca do equilíbrio humano-afetivo, tanto para o diácono casado como para o celibatário, é fundamental para a vivência de uma autêntica espiritualidade<sup>41</sup>.

Enfim, tudo isso mostra que a espiritualidade diaconal, enquanto experiência cristã, é um *caminho*, ou, se quisermos, um edifício em construção. Nunca alguém vai poder dizer que já chegou à plenitude e que não precisa mais crescer na direção de Cristo. Tendo feito a experiência de ter sido “conquistado por Jesus Cristo”, o diácono terá que continuar correndo, lançando-se em direção à meta que o Pai propõe para toda a humanidade (cf. Fl 3,7-14).

<sup>35</sup> CNBB, *Espiritualidade sem medo*, op. cit., pp. 20-21.

<sup>36</sup> CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nº 65.

<sup>37</sup> Cf. Lc 4, 18-19; Mt 11,2-6; CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nn. 18-26.

<sup>38</sup> CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nº 56.

<sup>39</sup> Cf. Mt 25, 31-46; CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nº 64.

<sup>40</sup> Cf. Lc 10, 25-37; Mc 10,46-52; J. BORTOLINI, *Meditando com os pecadores e pecadoras do Evangelho*, Paulus, São Paulo, 2001, pp. 59-71.

<sup>41</sup> Cf. CNBB, *Diretrizes para o diaconado permanente*, nn. 135-142.